

# Hispaniæ

## Las provincias hispanas en el mundo romano

Javier Andreu Pintado  
Javier Cabrero Piquero  
Isabel Rodà de Llanza  
(editores)

Con la colaboración científica  
del Centro Asociado de la UNED de Tudela (Navarra)

**D O C U M E N T A 11**

INSTITUT CATALÀ D'ARQUEOLOGIA CLÀSSICA  
Tarragona, 2009

**Reunión de Tudela sobre Historia Antigua (3a : 2007)**

Hispaniæ : las provincias hispanas en el mundo romano. – (Documenta ; 11)

Recull de les ponències de la III Reunión de Tudela sobre Historia Antigua, que va tenir lloc a Tudela (Navarra) els dies 18, 19 i 20 d'abril de 2007. – Bibliografia. Índexs

ISBN 9788493680954

I. Andreu Pintado, Javier, 1973- , ed. II. Cabrero, Javier, ed. III. Rodà, Isabel, ed. IV. Institut Català d'Arqueologia Clàssica V. Títol VI. Col·lecció: Documenta (Institut Català d'Arqueologia Clàssica) ; 11

1. Romans – Península Ibèrica – Congressos 2. Península Ibèrica – Història – 218 aC-414 dC, Període romà – Congressos 3. Península Ibèrica – Arqueologia romana – Congressos  
946”-0218/0415”(061.3)

Aquesta obra recull les ponències de la III Reunión de Tudela sobre Historia Antigua, que va tenir lloc a Tudela (Navarra) els dies 18, 19 i 20 d'abril de 2007, organitzada pel Centro Asociado de la UNED de Tudela i amb el suport del Ministerio de Ciencia y de Innovación. Hi van col·laborar les entitats següents: el Departamento de Historia Antigua de la UNED, el Vicerrectorado de Extensión Universitaria de la UNED, la Sociedad Española de Estudios Clásicos, la Sociedad de Estudios Históricos de Navarra, la Institución Príncipe de Viana del Gobierno de Navarra i l'Institut Català d'Arqueologia Clàssica.

© d'aquesta edició, Institut Català d'Arqueologia Clàssica (ICAC)  
Plaça d'en Rovellat, s/n, 43003 Tarragona  
Telèfon 977 249 133 – Fax 977 224 401  
info@icac.net – www.icac.net

© dels textos, els autors  
© de les figures, els autors, llevat que s'indiqui el contrari  
© de la correcció, Carla Palacio Pastor (castellà)

Primera edició: juny del 2009

Coordinació: Publicacions de l'ICAC

Fotografia de la coberta: figura d'Hispania en el revers d'un denari d'Adrià  
(Museu Nacional d'Art de Catalunya / Fotògrafs: Calveras, Mérida, Sagristà)

Disseny de la col·lecció i de la coberta: Formats

Maquetació i impressió: Indústries Gràfiques Gabriel Gibert

Dipòsit Legal: T-637-2009

ISBN: 978-84-936809-5-4

## ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE VERNÁCULA NA HISPÂNIA ROMANA

José d'Encarnação  
*Universidade de Coimbra*

### **Resumen**

En el presente trabajo se discuten algunas cuestiones metodológicas a la vez que se da cuenta de las líneas más recientes de investigación respecto de la religiosidad vernácula e indígena en la Hispania romana. Se aborda, además, el tema del sincretismo entre las divinidades indígenas y las divinidades traídas por los romanos a la península Ibérica, especialmente, a partir de los testimonios de la parte más occidental de dicho territorio: los teónimos, los rituales, la decoración de los monumentos, etc. Se muestra, por tanto, como en el mundo global en el que vivimos en los albores del siglo XXI, el debate sobre los cultos indígenas asume, por su carácter local, un protagonismo cada vez mayor.

### *Palabras clave*

Divinidades indígenas, sincretismo, rituales, *Lusitania*.

### **Resumo**

Discutem-se questões de método e dá-se conta da investigação mais recente acerca da religiosidade vernácula. Aborda-se o tema do sincretismo entre as divindades indígenas e as divindades trazidas pelos Romanos para a Península Ibérica, nomeadamente na sua parte mais ocidental: os teónimos, os rituais, a decoração dos monumentos... Mostra-se, enfim, como, no mundo global em que nos inserimos no dealbar do século XXI, o debate sobre os cultos indígenas assume, pelo seu carácter local, cada vez maior protagonismo.

### *Palavras-chave*

Divindades indígenas, sincretismo, rituais, *Lusitânia*.

## Introdução

A proposta, que aceitei, para reflexão aqui, neste volume, foi que eu tratasse de aspectos da religiosidade vernácula na Hispânia romana.

1) «Religiosidade»: o que é? Decerto, o sentimento religioso, ou seja, de ligação entre o Homem e os seres seus superiores.

Religiosidade é diferente de:

- «religiões»;
- «manifestações religiosas», que são os testemunhos visíveis desse sentimento;
- «divindades»: os seres superiores que se veneram;
- «religião», enfim, que implica um pensamento organizado (uma doutrina, uma mitologia, um livro!...) e rituais (um corpo sacerdotal).

2) «Vernácula»: qual o significado do termo? Autêntica (não artificial)? Mais próxima do povo (não erudita)? Creio ser adjectivo não adequado neste domínio, porque se pretende referência ao que se conhece do mundo que os Romanos vieram encontrar.

José M<sup>a</sup>. Blázquez (Blázquez 1962) utilizou o termo «primitivas». A minha proposta, em 1971 (Encarnação 1971), foi «indígena». Julgo, ainda hoje, que é o que melhor se adapta.

3) «na Hispânia»: um largo panorama, para que poderíamos lançar mão do volume das *Inscriptiones Latinas de la España Romana*, de José Vives, primeiro grande apanhado, depois das citadas *Religiones primitivas de Hispania*, do professor Blázquez. Aliás, os incessantes trabalhos consecutivos de J. M<sup>a</sup>. Blázquez neste domínio constituem uma actualização constante do que se vai conhecendo. Um domínio em que –mais do que em qualquer outro– a Epigrafia e a História sempre estiveram de mãos dadas com a Linguística (sublinho aqui o excelente relacionamento que sempre tive com D. António Tovar e sua discípula María Lourdes Albertos, ambos de mui saudosa memória). Agora, justamente, por via da Linguística, é de realçar a investigação de Blanca Prósper (Prósper 2002) e de Juan Carlos Olivares (Olivares 2002), que comigo estagiou em Coimbra.

O catálogo da recente exposição do Museu Nacional de Arqueologia, de Lisboa, *Religiões da Lusitânia, Saxa Loquuntur* (Ribeiro 2002), assinala um marco fundamental nestes estudos e tanto os colóquios sobre Línguas e Culturas Paleo-hispânicas como o projecto FERCAN dão conta de uma pesquisa inigualável.

Os primeiros têm-se realizado com regularidade e as suas actas editadas também sem detença, constituindo agora obras de referência muito úteis. O I foi em Salamanca, em maio de 1974: *Actas del I Colóquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la península Ibérica*, Salamanca, 1976; o II em Tübingen, em 1976: *Actas del II Colóquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la península Ibérica*, Salamanca, 1979; o III em Lis-

boa (novembro de 1980): *Actas del III Colóquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispanicas*, Salamanca, 1985; o IV em Vitória: actas publicadas no volume 2-3 (1985-1986) da revista *Veleia*, editada pela Universidade do País Basco. O V realizou-se em Colónia (setembro 1989): *Lengua y Cultura en la Hispania Prerromana*, Salamanca, 1993; o VI em Coimbra (outubro 1994): *La Hispania Prerromana*, Salamanca, 1996; o VII em Saragoça (março 1997): *Pueblos, Lenguas y Escrituras en la Hispania Prerromana* (Salamanca, 1999); o VIII em Salamanca (maio 1999): *Religión, Lengua y Cultura Prerromanas de Hispania* (Salamanca, 2001); o IX em Barcelona (outubro 2004): *Acta Palaeohispanica IX* (n.º 5, 2005, da revista *Palaeohispanica*, de Saragoça); e anuncia-se para Portugal o X, a realizar em 2009.

No que diz respeito ao projecto FERCAN, é coordenado pelo professor Dr. Manfred Hainzmann, do Institut für Alte Geschichte und Altertumskunde, da Universidade de Graz (Áustria), o FERCAN –*Fontes Epigraphici Religionis Celticae Antiquae* (<http://www.oeaw.ac.at/praehist/fercan/>)– reúne investigadores de diversos países europeus, que prosseguem a tarefa de reunirem documentação –nomeadamente epigráfica– sobre a religião dita «céltica» antiga, ou seja, as divindades que os Romanos encontraram nos territórios aonde chegaram.

Mesmo assim, integrando um e outro destes projectos, eu jamais ousaria abalancar-me à pretensão de traçar aqui, mesmo que em pinceladas largas, o que hoje se conhece já acerca do mundo da religião dos povos peninsulares anteriores aos romanos.

Nunca, aliás, será demasiado salientar que datam do período romano –e em roupagens romanas– os vestígios capazes de nos trazer algum esclarecimento sobre o panteão indígena e os rituais que o terão acompanhado.

Deu-me a Comissão Editora deste volume o espinhoso encargo de escrever quase o último capítulo, na expectativa de que a religião encerraria com chave de ouro as temáticas mui sabiamente trazidas por peritos que tanto nos vieram ensinar nas páginas anteriores. Sim, a religião –para os crentes– será a abóbada que tudo coroa; trazida, porém –era preciso!– pela mão do mais diligente estudioso (que eu não sou!). Sugeriram-me que escrevesse de aspectos. Assim. Sem rigor nem grande lógica... Escolhi, por isso, salientar aqui, de novo, precisamente quatro ou cinco aspectos que –apesar de já sobejamente tratados– poderão ser motivo de maior consciencialização quanto a estas difíceis problemáticas.

## O sincretismo

Tive ocasião de abordar tema idêntico na comunicação feita em Salamanca (Encarnação 2001a), assim

como no citado catálogo da exposição do Museu Nacional de Arqueologia (Encarnação 2002).

Escusar-me-ão se, naturalmente, vou privilegiar a Lusitânia, que melhor conheço, ainda que pouco, e se retomo questões já resolvidas umas, sem solução à vista outras, porque... não há solução!

E se é com todo o gosto que dedico ao meu querido Amigo José María Blázquez este capítulo, permitam-me que lhe associe o nome de Robert Étienne, historiador e arqueólogo a cujo labor a Hispânia tanto deve. Por ele começaria, pois se me afigurou de interesse repensarmos quanto foi escrito e pensado há quase três décadas atrás. Refiro-me ao que se disse a propósito do sincretismo, numa época em que o vocábulo estava na moda.

Vejamos o essencial do que, neste âmbito, escreveu Robert Étienne (Étienne 1973, 154), numa tentativa de descortinar como tudo naturalmente se passou: «Chaque conquérant amène en même temps que ses colons, ses marchands ou ses soldats, son panthéon qui se fixe sur une terre déjà bénie par les dieux indigènes. Le premier problème qui se pose est alors de savoir justement comment va se faire la rencontre entre les deux types de panthéon, si, sur le plan religieux, l'esprit de conquête ne fait pas place à un processus créateur qui permet de replacer les syncrétismes dans la perspective plus large des phénomènes d'acculturation. Il est bien évident que les réalités indigènes se sont transformées au contact de Rome sans que les progrès de la romanisation aient significé leur disparition».

Robert Étienne analisa esse sincretismo –que hoje chamaríamos também «aculturação»– do ponto de vista das divindades indígenas, do culto imperial e das divindades orientais. E, no que concerne às primeiras, fala de «baptismo linguístico»: «Le premier niveau de syncrétisme est représenté par le baptême linguistique qui, grâce à une langue véhiculaire, fait sortir la divinité indigène celtique de son unicité, puisqu'elle protège souvent un lieu, le toponyme se retrouvant dans le nom de la divinité : la ville de Tameobriga et le dieu Tameobrigus, par exemple» (Étienne 1973, 155).

No fundo, um grande espírito de tolerância, que radica, sem dúvida, em três plataformas bem claras:

- a) Dum lado, a crença de que cada território –urbano ou rural– está sob a dependência de um espírito, dum totem protector; e nada se deverá fazer sem primeiro o identificar e sem lhe ser prestada homenagem. O romano que chega pergunta ao indígena –por gestos mais do que por palavras, decerto– que divindade venera, que ser supremo ali governa. E tenta passar para a sua fonética o nome que lhe parece ouvir.
- b) Em segundo lugar, uma norma de convivência social: a relação com as divindades é algo (por menos que se queira) que está desde sempre bem arraigado

no espírito humano; por isso, a fim de evitar conflitos e para gerar complicitades, há que começar por mostrar-se sensível ao que, para o «outro», é de mais sagrado –os deuses que venera.

- c) Finalmente, não será de omitir-se aqui alguma direttriz política, quer oficialmente expressa (e creio que, neste domínio, ainda se não investigou o suficiente, embora o espírito que se desprende das *Res Gestae* o deixe claramente transparecer) quer tacitamente aceite por ambas as partes e bem consciencializada pelos agentes do poder –de ambas as partes. Convivência religiosa que facilita e prepara a convivência política –para Roma, não se duvide, a mais importante.

E o exemplo aduzido por Robert Étienne pode ser, neste âmbito, deveras elucidativo – *Tameobrigus*, a divindade que protege uma (eventual) *Tameobriga*. Em vestes latinas, note-se bem: «L'adoption du simple nom romain marque le triomphe d'une certaine conception abstraite du divin, sans la couper définitivement du milieu indigène» (Étienne 1973, 156).

Regista-se, depois, a comparação com divindades de idênticas características que fazem parte do panteão do colonizador. São deuses ou deusas, *dii*, *deae* –e esse vocábulo poderá, na verdade, ter sido um dos veículos da melhor compreensão, por parte dos indígenas, do carácter sagrado de nomes que eles também desconheciam, tal como os Romanos desconheciam os seus teónimos e a forma como eles se escreviam. Foi a palavra *deus* esse elo de ligação que facilitou o que, desde há muito, se tem designado como *interpretatio*, ocorrida (note-se) nos dois sentidos: romano / indígena, indígena / romano.

É o que Robert Étienne designa de segundo nível do sincretismo, usando, para o efeito, a imagem dum divindade, Marte, que –de guerreira, militar– poderá ter assumido, a dado passo, as virtudes do que combate, sim, mas não apenas o inimigo político, alheio ao povo, mas também os inimigos quotidianos de quem labuta pela subsistência. Assim, aliás, se tem interpretado –e, a meu ver, bem– o baixo-relevo achado em pleno contexto agrícola, numa fértil *villa* romana do Sul da Lusitânia: «[...] Mars, non pas toujours le dieu guerrier, mais une divinité agricole combattant le grêle et l'inondation», escreve Robert Étienne (Étienne 1973, 155). E o baixo-relevo (fig. 1) foi, por isso, mui justamente usado na capa do catálogo dum exposição cujo tema era... a exploração dos recursos naturais!

À adopção da língua seguiu-se, necessariamente, a adopção da tipologia dos monumentos, mais ou menos fielmente copiada, com requinte estético ou com alguma ingenuidade do ateliê local, e dos formulários consecratórios, pois desde cedo se compreendeu que as estranhas siglas *A · L · V · S*, *A · L · P* detinham significado mágico (dir-se-ia), porque a promessa assim

cumprida dissolvia compromissos e tudo importava ser feito de livre vontade.



Fig. 1. IRCP, 568.

### Os atributos das divindades

Vimos a importância do veículo linguístico e facilmente daí deduzimos como a análise e a percepção dos atributos destas divindades indígenas passa –verossimilmente– pela comparação com o fundo linguístico indo-europeu (chame-se-lhe celta, ibero, celtibérico...) que está na origem etimológica destes teónimos, de significado concreto, dado o carácter escassamente abstracto do falar de então.

Contudo, se há uma divindade do rio, da fonte, daquele lugar... estou em crer que, acima de tudo, o carácter tutelar das divindades é predominante. Daí a fácil junção de vocábulos associados pelos Romanos e prontamente transmitidos aos indígenas a esta ideia de protecção: *Lares, Genii, Tutelae*...

É ainda Robert Étienne (Étienne 1973, 156) quem o afirma: «Les Lares sont dans la péninsule Ibérique des divinités protectrices des lieux, villes, fleuves, pays». A este tipo de divindades tenho sempre associado *Banda*, que assim venho designando independentemente da terminação do seu dativo: *Bandei Brialeacui, Bandi Vorteaeco, Bandu Vordeaeco*...

Ora sucede que esta divindade tutelar assume, em termos gramaticais (digamos assim) e em registo iconográfico, uma «roupagem» cujos atributos –masculinos ou femininos– ficam longe de estar claramente definidos.

Este, o terceiro aspecto sobre que gostaria de reflectir, na sequência do que recentemente escrevi após as –quicá controversas– páginas de *El Sexo Divino*, de Sabino Perea (Perea 1999): a questão do «sexo» dos

deuses (sobre este tema também se pronunciou Marco 2002).

Se não parece arrojado atribuir carácter predominantemente masculino à divindade que, numa pátera que lhe é oferecida, se designa pela abreviatura *SAVR* (Encarnação 1975, 270-274), dada a sua semelhança com um militar homem, como interpretar uma dedicatória com a que *Montanus Tangini filius* manda fazer *Arentiae et Arentio* (fig. 2), divindade que, para além de aparecer isolada, assume, sozinha ou em parceria, carácter protector (Encarnação 2006, 140-142)?

Escreveu-se: «Estamos perante um par divino!». Creio bem que não: trata-se da mesma divindade nas suas vestes masculina e feminina –*sive deus sive dea*... Há, pois, em meu entender, que modificar algumas das frases exaradas a este propósito, nos livros sobre religião indígena e... romana (porque não?).

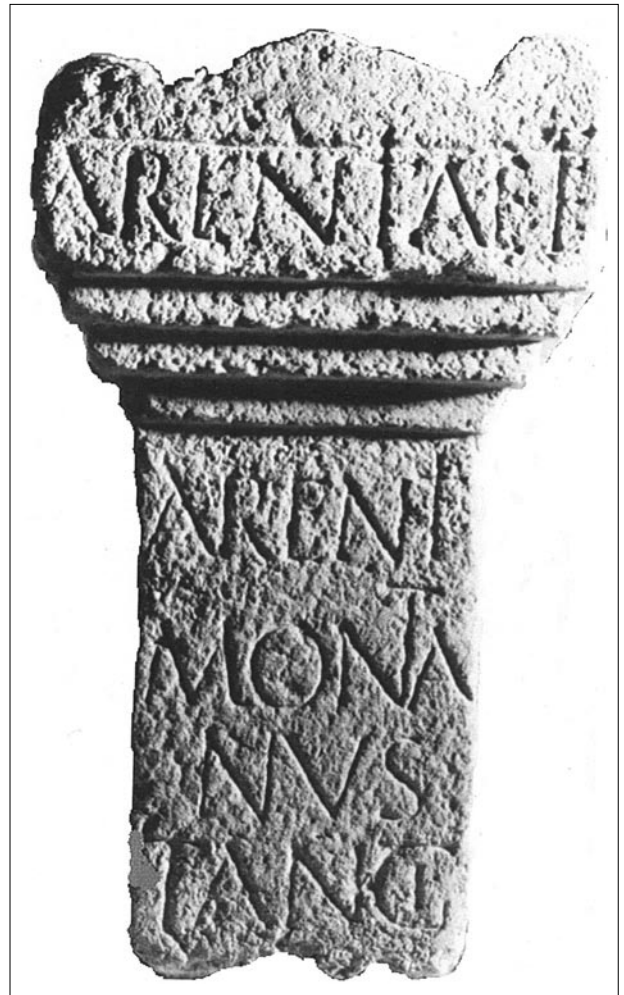


Fig. 2. AE, 1941, 120.

### O culto a *I. O. M.*

Retomemos a ideia de sincretismo, servindo-nos agora do testemunho de Alain Tranoy (Tranoy 1981, 119), que não hesita em afirmar que o culto às divin-

dades clássicas constitui «une étape de l'assimilation et du syncrétisme entre les religions locales et la religion romaine; des divinités comme Jupiter, les Lares viales ou les Nymphae sont autant de point d'appui sur lesquels Rome se fonde pour tenter d'unifier la vie religieuse de la Galice». E o autor assinala como o culto a Júpiter detém significativa extensão no conventus Bracaraugustanus, exactamente aquele em que «les cultes indigènes sont les mieux représentés.»

Aliás, já em publicação datada de dois anos antes, preparada em colaboração com Patrick Le Roux, essa ideia de assimilação estava claramente expressa: «Jupiter ne se manifeste donc comme un rival, car son culte se développe en même temps que les cultes locaux. Il est probable que les dédicaces à Jupiter masquent en réalité une divinité indigène assimilée à ce grand dieu classique» (Le Roux/Tranoy 1979, 59).

Adorado numa área rural específica, como é o caso do termo de *Ammaia*, onde, por exemplo, *Fusca Vituli*

*liberta* lhe dedica um altar (*IRCP*, 608, fig. 3); colocado como divindade principal, no momento em que a *ciuitas* indígena erige o altar fundacional –temos o caso da *ciuitas Cobelcorum* (Frade/Caetano 2002)– o certo é que também se verificam aqui dois ritmos de aculturação: enquanto a onomástica de tipo indígena se mantém –*Dobiteina Doquiri f.*– a divindade maior deixa de ser *IOM* para ser *Ioui Supremo Summo* (fig. 4), uma designação copiada, sem dúvida, da tradição literária, erudita (Encarnação/Geraldes 1982).

Aliás, este altar da região da Covilhã saiu seguramente da mesma oficina do de *Bandeí Brialeaicui* (Encarnação 1975, 125-126) atrás citado, com eles não podendo deixar de relacionar os *puluini* provenientes da mesma zona da Lusitânia a que recentemente Pedro Carvalho e eu próprio tivemos ocasião de nos referir (Encarnação/Carvalho 2006). Uma tipologia surpreendentemente romana em pleno coração da Lusitânia!

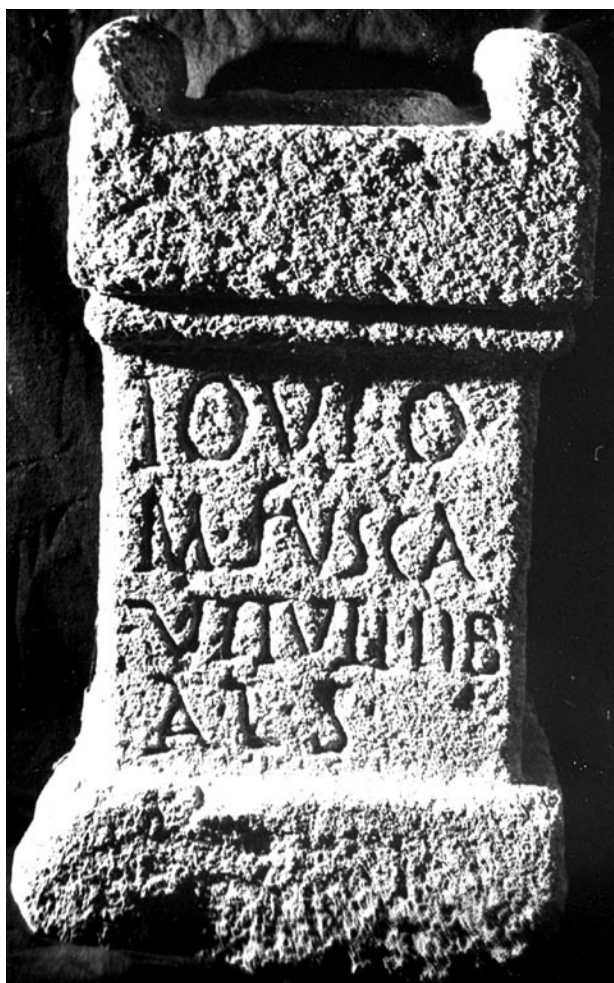


Fig. 3. *IRCP*, 608.



Fig. 4. *AE*, 1982, 473.

## Os rituais

O último aspecto que se me afigura interessante referir é o dos rituais.

Na Lusitânia haveria santuários, alguns vindos já da Idade do Ferro, como o de Garvão, dedicado a uma divindade protectora da visão, como no-lo fazem crer as oferendas nele depositadas: para além dos recipientes usados, quiçá, nas libações ou simbolizando as libações, as placas de prata e de ouro, com representação de olhos (Correia 1996). Do que se passou na época romana não sabemos. Só mais tarde, em pleno Cristianismo, Santa Luzia veio santificar o sítio, sagrado desde longa data.

Existiu perto um outro santuário, mas esse muito provavelmente não radica em tradição pré-romana: Santa Bárbara de Padrões (Castro Verde). É um depósito imenso de lucernas, inúmeras são as divindades nelas representadas, com especial destaque para Mitra (48 testemunhos!). Daí que os arqueólogos (Maia 1997) o hajam datado predominantemente do século III da nossa era, segunda metade do século II.

De ter havido um santuário a Endovélico em S. Miguel da Mota (Terena, Alandroal), hoje ninguém duvida, ainda que de concreto, no âmbito arquitectónico, nada subsista. Contudo, recentes escavações na capela de S. Miguel deram a conhecer mais vestígios insuspeitados (Guerra *et al.* 2003; Schattner *et al.* 2009). E à mesma divindade (creio eu), com o nome de *Vellicus*, terá sido consagrado um outro, em Postolobos, como se sabe (Encarnação 1988, 272-273).

Por essas bandas –mais propriamente onde hoje está a igreja visigótica de Santa Lucía del Tampal (Alcuéscar, Cáceres)– se situava o santuário da Deusa Santa Atégina Turobricense (*HEp5*, 175-189).

É conhecido igualmente o achado, em 2003, de 60 altares no Castro de Facho (Donón, paróquia de Hío, Cangas de Morrazo, Pontevedra), dedicados à divindade *Berobronis* ou *Breobus*, acompanhado, às vezes, dos epítetos *Deus Lar* (*AE*, 1994, 942-953).

Contudo, o santuário mais famoso será, sem dúvida, o de Panóias, conhecido desde há muito e onde se pensa que houve continuidade de culto desde tempos pré-romanos até aos primórdios do século III, em que um senador decidiu reabilitar o sítio (discute-se o significado indígena, ou não, dos *numina Lapitearum* aí referidos. Géza Alföldy [Alföldy 2002] apresentou uma breve síntese de como, em seu entender, deve ser interpretado o monumento. Refira-se, também, o contributo de Alain Tranoy [Tranoy 2004]).

Haveria, pois, sacerdotes, de que há memória aqui e além. Independentemente de sabermos se esta *dea* cujo altar apareceu em Talaíde, no *ager Olisiponensis* (*FE*, 1983, n.º 24), é, ou não, uma divindade indígena (eu creio que sim, pois são predominantemente indígenas as divindades veneradas na região –*Aracus Arantoni-*

*ceus, Triborunnis...*), o que verificamos é que os dois dedicantes, *Augus et Hermes*, se intitulam como seus *magistri* (sobre estas divindades: Encarnação 2001b, 19-29).

Foi defendida em 2005, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, sob a direcção de Amílcar Guerra, uma dissertação de mestrado (ainda inédita), da autoria de Maria João Delgado Correia dos Santos, intitulada *O Sacrifício Animal no Ocidente da Hispânia Romana. Para uma Nova Análise dos Ritos de Tradição Indo-Europeia no Contexto da Religiosidade Indígena*. A sua autora demora-se sobretudo na análise da ara de Marecos (Penafiel), bem conhecida de Patrick Le Roux, que, em 1994 (*HEp6*, 1069), da sua epígrafe sugeriu nova interpretação, e dos exemplos de *suouetaurilia* atestados em Cabeço das Fráguas e Lamas de Moledo (Untermann 2002; Curado 2002). Um tema que nos levaria longe, até porque se encontra eivado de dificuldades de interpretação na leitura das epígrafes.

Não queria, porém, terminar sem aduzir a importância que detém a cuidadosa análise da decoração das epígrafes dedicadas a divindades indígenas.

Dou o exemplo de Endovélico:

– Um dos altares (*IRCP*, 495), dedicado por *M. Fannius Augurinus*, tem como decoração, além da pátera e de uma grinalda (a apontar horizontes funerários...), nada menos do que um javali posto como que em pedestal! Não creio ser o símbolo da divindade; porque não o animal que lhe é dedicado e que, em tempo oportuno, lhe é sacrificado?

– O altar *IRCP*, 556 mostra, à esquerda, uma ave (cabeça com uma vista frontal, bico para a esquerda, pescoço comprido, uma asa aberta) palmípede; à direita, um punhal de antenas (o cutelo do sacrifício, fig. 5); atrás, o bico de uma ave de rapina. Que significado poderão ter estas representações?

Acaba de se descobrir, na região da Beira Alta, uma epígrafe –inédita– que apresenta nas faces laterais estes elementos. Não aponta tudo para uma referência ao sacrifício? A vítima, o estoque e a pátera para receber o sangue?...

## Em conclusão

Nunca chegaremos a conhecer em plenitude o que está por detrás do mundo que as epígrafes nos revelam. Pontas são dum icebergue impossível de explorar por completo. Creio que cada vez mais teremos menos divindades, porque –com outras grafias, talvez– mais testemunhos vão surgindo, mas o panteão vai-se compondo. Não temos uma infinidade de *Banda*, ainda que assumam características locais –como temos Nossa Senhora de Lurdes, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora do Pilar e é só a mesma senhora, em vestes... «regionais» (diríamos hoje!).





Fig. 5. IRCP, 556.

Uma dúvida, porém, não subsiste: é a de que, no mundo globalizante em que vivemos, o particular, o típico, o regional assume dimensões maiores. Não nos admira, portanto, que o tema das divindades indígenas (ou, se se preferir, da «religiosidade vernácula») seja cada vez mais promissor.

## Bibliografía

- ALFÖLDY, G. 2002: «Panóias: o santuário rupestre», em: RIBEIRO, J. C. (coord.): *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 211-214.
- BLÁZQUEZ, J. M<sup>a</sup>. 1991: *Religiones en la España Antigua*, Madrid [com abundante bibliografia, substituiu os seus anteriores trabalhos sobre este tema].
- 1962: *Religiones Primitivas de Hispania, vol. 1 – Fuentes Literarias y Epigraficas*, Roma.
- CORREIA, V. 1996: «O sítio arqueológico de Garvão e o seu depósito ritual», em: ALARCÃO, J.; SANTOS, A. (coord.): *De Ulisses a Viriato – O Primeiro Milénio a. C.*, Lisboa, 101-106.
- CURADO, F. 2002: «A “ideologia tripartida dos indo-europeus” e as religiões de tradição paleohispânica no Ocidente peninsular», em: RIBEIRO, J. C. (coord.): *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 71-77.
- ENCARNAÇÃO, J. d' 2006: *Epigrafia – As Pedras que Falam*, Coimbra.
- 2002: «Das religiões e das divindades indígenas na Lusitânia», em: RIBEIRO, J. C. (coord.): *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 11-16.
- 2001a: «Teonímia da Lusitânia romana», em: VILLAR, F.; FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, M<sup>a</sup>. P. (eds.): *Religión, Lengua y Cultura Prerromanas de Hispania*, Salamanca, 363-372.
- 2001b: *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais.
- 1988: «Divindades indígenas peninsulares: problemas metodológicos do seu estudo», em: *Estudios sobre La Tabula Siarensis*, Madrid, 261-276.
- 1984: *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra [= IRCP].
- 1975: *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa.
- 1971: «O conceito de divindade indígena sob o domínio romano na Península Ibérica», em: *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 2, Coimbra, 347-351.
- ENCARNAÇÃO, J.; CARVALHO, P. C. 2006: «O monumento romano da Quinta da Caneca (Salgueiro, Fundão)», *Eburobriga*, 4, 91-98.
- ENCARNAÇÃO, J.; GERALDES, F. 1982: «Júpiter Supremo Sumo – uma inscrição inédita de Orjais (Covilhã)», *Conimbriga*, 21, 35-142.
- ÉTIENNE, R. 1973: «Les syncrétismes religieux dans la péninsule ibérique à l'époque impériale», em: *Les Syncrétismes dans les Religions Grecque et Romaine*, Paris, 153-163.
- FRADE, H.; CAETANO, J. C. 2002: «Os cultos na *civitas Cobelcorum*», em: RIBEIRO, J. C. (coord.): *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 227-230.
- GUERRA, A.; SCHATTNER, T.; FABIÃO, C. 2002: «As recentes descobertas em S. Miguel da Mota (Alandroal) nas imediações do santuário de Endovélico», *Conimbriga*, 41, 295-297.
- GUERRA, A.; SCHATTNER, T.; FABIÃO, C.; ALMEIDA, R. 2003: «Novas investigações no santuário de Endovélico (S. Miguel da Mota, Alandroal): a campanha de 2002», *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6, n.º 2, 415-479.
- LE ROUX, P. 1994: «Cultes indigènes et religion romaine en Hispanie sous l'Empire», em: LE BOHEC, Y. (coord.): *L'Afrique, la Gaule, la Religion à l'Époque Romaine (Mélanges à la mémoire de Marcel Le Glay)*, Bruxelas, 560-567.
- LE ROUX, P.; TRANOY, A. 1979: «Nouveau témoignage du culte de Jupiter dans le *conventus Bracarum*», *Mimia*, 2<sup>a</sup> série, 3, 57-60.
- MAIA, M. G. P.; MAIA, M. 1997: *Lucernas de Santa Bárbara*, Castro Verde.
- MARCO, F. 2002: «*Diis Deabusque*. A indefinição primordial do divino», em: RIBEIRO, J. C. (coord.):

- Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 17-19.
- OLIVARES, J. C. 2002: *Los Dioses de la Hispania Céltica*, Madrid.
- PEREA, S. 1999: *El Sexo Divino (Dioses hermafroditas, bisexuales y travestidos en la Antigüedad clásica)*, Madrid.
- PRÓSPER, B. 2002: *Lenguas y religiones prerromanas del Occidente de la península ibérica*, Salamanca.
- RIBEIRO, J. C. (coord. ) 2002: *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa.
- SCHATTNER, T., GUERRA, A., FABIÃO, C. 2009: “Die Ideal Köpfe des Endovellicus, eine Zwischenbilanz”, em: *X Colloque l’Art Provincial Romain (Arles -Aix-en-Pce 2007)*, Aix-en-Pce - Arles, 483-494.
- TRANOY, A. 2004: «Panóias ou les rochers des dieux», *Conimbriga*, 43, 85-97.
- 1981: «Romanisation et monde indigène dans la Galice antique: problèmes et perspectives», em: *Primera Reunión Gallega de Estudios Clásicos* (Santiago-Pontevedra, 2-4 julio 1979), Santiago de Compostela, 105-121.
- UNTERMANN, J. 2002: «A epigrafia em língua lusitana e a sua vertente religiosa», em: RIBEIRO, J. C. (coord.): *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, Lisboa, 67-70.
- VIVES, J. 1971: *Inscripciones latinas de la España romana*, Barcelona.